



IVANILSON BEZERRA DA SILVA - **Universidade Brasil (Faculdade de Sorocaba)**

ARQUIVOS E FONTES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: RELATO DE PESQUISAS

ARCHIVES AND SOURCES IN HISTORY OF EDUCATION: RESEARCH REPORTS

RESUMO

Este texto tem como objetivo apresentar relatos de pesquisas realizados em arquivos e fontes pertencentes à maçonaria que contribuíram para o campo da história da educação brasileira. Nossa trajetória de pesquisa empreendida em vários arquivos desde 2007 até 2018 ajuda-nos a entender os limites e possibilidades de tais arquivos e fontes. A renovação de práticas de pesquisa e o novo arsenal teórico metodológico, em termos de estudos relacionados ao campo da história da educação a partir dos arquivos não escolares, constituem um desafio para o pesquisador e contribuem na compreensão de outros agentes sociais que se envolveram na organização de escolas.

Palavras-chave: Maçonaria, Arquivos, Educação.

ABSTRACT

This text has as objective presenting researches in archives and sources belonging to Freemasonry that contributed to the field of the Brazilian's education history. Our research trajectory undertaken in several archives from 2007 to 2018 helps us to understand the limits and possibilities of such files and sources. The renewal of research practices and the new theoretical methodological arsenal in terms of studies related to the field of the education's history from the non-school archives constitute a challenge for the researcher and contribute to the understanding of other social agents who have been involved in schools' organizations.

Keywords: Freemasonry, Archives, Education.

Trajetória de pesquisa sobre maçonaria e educação

Este texto é um relato sobre minha trajetória de pesquisa em arquivos e fontes em História da Educação que não pertencem as instituições escolares, mas que são importantes para a compreensão de agentes e instituições sociais que se envolveram com a organização de escolas. Neste sentido, pretende-se apresentar pesquisas empreendidas em arquivos das lojas maçônicas de Sorocaba, Gabinete de Leitura, no arquivo da Biblioteca Mário de Andrade e outros arquivos pertencentes à maçonaria. Busca-se também analisar as possibilidades e os limites dos documentos para a pesquisa da história e participação da maçonaria na educação brasileira.



IVANILSON BEZERRA DA SILVA - **Universidade Brasil (Faculdade de Sorocaba)**

Vidal (2005) acentua a renovação de práticas de pesquisa e o novo arsenal teórico metodológico em termos de estudos relacionados ao campo da história da educação a partir dos arquivos escolares. Embora os arquivos escolares sejam os mais cotejados pelos historiadores da educação, a minha trajetória de pesquisa traz para este campo, arquivos e fontes que não necessariamente estão vinculados aos espaços institucionalizados das escolas, como é o caso das fontes conservadas e mantidas pelas lojas maçônicas.

Desde meu mestrado tenho desenvolvido estudos sobre a contribuição da maçonaria e do presbiterianismo no campo da educação brasileira. No mestrado analisei as relações de poder entre os maçons e presbiterianos na cidade de Sorocaba no final do século XIX. As fontes utilizadas na elaboração da dissertação foram: os livros de Atas, de matrículas e da tesouraria das Lojas Maçônicas Constância e Perseverança III conservados nos arquivos dessa última loja e jornais que pertenciam aos maçons ou que tinham maçons como redatores, arquivados no Gabinete de Leitura em Sorocaba. Observei que boa parte da documentação estava em péssimas condições, tanto os documentos da Loja como os jornais pertencentes ao Gabinete de Leitura de Sorocaba, instituição organizada em 1870, pelo maçom Matheus Maylasky.

No meu doutorado retomei o tema da relação do protestantismo e a educação, analisando a trajetória do maçom presbiteriano Horace Manley Lane. Devido à perspectiva adotada na tese, ou seja, a organização de uma rede de escolas de confissão de fé presbiteriana norte-americana em cidades que contavam com um núcleo de protestantes e maçons, apenas demarqueei a participação de Horace Lane na maçonaria paulista. No pós-doutorado retomei o tema, propondo analisar os maçons como elite e a proposta educacional ofertada por este grupo como estratégia de distinção social (BOURDIEU, 2007) a partir de uma fonte ainda não utilizada na perspectiva da história da educação, ou seja, a revista: *A Maçonaria no Estado de São Paulo*. O objetivo geral da pesquisa, sob a supervisão do professor Dr. Bruno Bontempi Jr., foi produzir uma biografia



IVANILSON BEZERRA DA SILVA - **Universidade Brasil (Faculdade de Sorocaba)**

coletiva dos maçons citados na revista (SILVA E BONTEMPI JR, 2018). A perspectiva metodológica adotada utiliza-se do método prosopográfico.

Arquivos e fontes da Maçonaria

A respeito dos arquivos e fontes, penso que seja necessário considerar aquilo que Paul Ricouer (1997) assinalou. Os arquivos são conjuntos organizados de documentos que resultam numa atividade institucional ou profissional; são recebidos ou produzidos por entidades mantenedoras que têm o objetivo de conservar e preservar os documentos que portam parte da história e constituem prova material dos acontecimentos. A arquivagem, portanto, tem caráter institucional, cujo objetivo é conservar, preservar e divulgar a memória. Os arquivos constituem o fundo documental de uma instituição; produzi-los, recebê-los ou conservá-los é uma atividade específica dessa instituição; o depósito assim constituído é um depósito autorizado por uma estipulação adjunta à que institui a entidade de que os arquivos são fundos.

Em relação aos arquivos e documentos das lojas maçônicas, o primeiro obstáculo enfrentado pelo pesquisador é a proibição imposta pela instituição ao acesso a tais fontes. A estratégia utilizada pelos pesquisadores têm sido a utilização de documentos arquivados em Bibliotecas Públicas. A Hemeroteca do Rio de Janeiro, por exemplo, disponibiliza os boletins oficiais da maçonaria brasileira do final do século XIX e início do XX. Tal documentação tem sido muito utilizada pelos pesquisadores (BARATA, 1999; MOREL, 2005) e outros. Uma outra alternativa de fontes são os livros comemorativos produzidos por historiadores ligados à maçonaria, que subtraindo a intencionalidade e os propósitos das obras, configuram-se como uma excelente fonte de pesquisa para se analisar a contribuição da maçonaria no campo educacional ou mesmo na história brasileira. Outro corpo documental são os jornais de maçons ou pertencentes a maçonaria. Tais fontes também têm sido muito cotejadas pelos pesquisadores para entender a maçonaria, a rede de sociabilidade maçônica, o cotidiano das lojas, suas



IVANILSON BEZERRA DA SILVA - **Universidade Brasil (Faculdade de Sorocaba)**

reuniões, a vida social de determinada cidade, a postura política adotada pela maçonaria, seu caráter filantrópico e suas propostas educacionais. Recentemente, o pesquisador Tiago Valenciano (2016) utilizando o método prosopográfico elaborou um perfil sociológico dos grãos mestres paraenses tendo como fonte primária um jornal mantido pela maçonaria.

A postura adotada pela maçonaria em impedir acesso a documentação mantida em seus arquivos tem sido questionada na historiografia (MORAES, 1990; BARATA, 1999; MOREL, 2005; SILVA, 2010). A justificativa dada pelos maçons a respeito da proibição e acesso aos seus arquivos é feita em função dos segredos que envolvem a instituição. Mas, também pode significar uma maneira de evitar novas interpretações a respeito da ação da maçonaria na história brasileira. Pude constatar isso, quando pesquisei os arquivos da Loja Perseverança III. Historiadores ligados a essa loja sustentam que ela foi a única loja em Sorocaba no final do século XIX que organizou escolas. Porém, encontrei, no arquivo do Gabinete de Leitura de Sorocaba, o segundo livro de ata da Loja Constância, que mostra que esta loja também se envolveu com a educação, ao contrário do que os historiadores ligados à Loja Perseverança III sustentavam. O confronto com outras fontes, embora oficiais, possibilitaram novas abordagens acerca da participação das lojas maçônicas de Sorocaba no campo educacional.

Outra fonte maçônica importante são os livros de matrículas e tesouraria das Lojas. Tais fontes podem nos ajudar na elaboração de trabalhos que utilizam o método prosopográfico, pois registram informações sobre os maçons: nacionalidade, filiação, profissão, formação, idade, renda financeira. O livro da tesouraria não apenas mostra o movimento financeiro das lojas maçônicas, mas também os valores cobrados nas iniciações, elevações e exaltações nos graus maçônicos. Além das despesas destinadas às práticas de filantropia e com as escolas mantidas pela maçonaria. As atas, geralmente, são bem redigidas e são uma importante fonte para a compreensão da dinâmica interna das lojas, trazem decretos, pareceres, projetos discutidos pelos maçons, opiniões sobre vários temas: política, educação, sociedade e outros. Na minha dissertação, as atas foram



IVANILSON BEZERRA DA SILVA - **Universidade Brasil (Faculdade de Sorocaba)**

importantes não apenas para analisar os discursos dos maçons referente a modernização da cidade de Sorocaba, mas para compreender que tal modernização era um projeto mais amplo de caráter nacional e regional, ou seja, estava atrelado a posição política adotada pela maçonaria nacional, que buscava no final do século XIX combater um estilo de vida rural, escravagista e economicamente atrasado do Brasil, segundo a visão dos maçons. Para tanto, era preciso combater a ignorância através da educação, modernizar o espaço urbano, libertar o escravo e implantar a República. Na loja Perseverança III, tal projeto foi defendido por Matheus Maylasky (empresário, jornalista), Ubaldino do Amaral (político e jornalista) e Júlio Ribeiro (jornalista, professor e escritor). Este era anteriormente membro da Loja América, outro centro de irradiação de ideias modernizantes. Júlio Ribeiro, segundo minha leitura, fazia parte da geração de Rui Barbosa, Rangel Pestana e outros republicanos paulistas.

Os boletins oficiais da Maçonaria são outra fonte importante para analisar as práticas dos maçons e lojas brasileiras. Os boletins oficiais do Grande Oriente do Brasil ou de outras potências mostram, entre outras coisas, a burocracia, a dinâmica de poder, a rede de sociabilidade maçônica, a internacionalização da maçonaria, os livros das bibliotecas maçônicas, os agentes sociais maçons e seus graus, a hierarquia de poder na maçonaria, os atos, decretos e leis maçônicas, as instituições filantrópicas e educacionais, o debate político, a posição dos maçons sobre vários temas sociais, econômicos, culturais e educacionais, a participação de maçons em correntes filosóficas como o socialismo, anarquismo, positivismo e outros.

Por se tratarem de documentos oficiais, tais fontes não devem ser analisadas como uma produção inocente, mas como uma construção intencional, que refletem os interesses dos maçons, os discursos dos seus principais protagonistas e como tal constroem uma representação do grupo e da sociedade da sua época. Nesta perspectiva, entendemos que os discursos não são neutros. Impõem uma autoridade em detrimento de outras, por eles desprezados. Tais práticas legitimam uma visão de mundo. Neste sentido, entendemos que tais documentos foram elaborados com o objetivo de



IVANILSON BEZERRA DA SILVA - **Universidade Brasil (Faculdade de Sorocaba)**

construírem uma identidade, uma memória dos maçons, ou seja, as fontes maçônicas são uma montagem consciente ou inconsciente da história como sugere Le Goff (2003). São resultados de uma fabricação, e, portanto, precisam como qualquer outra fonte, serem problematizadas. As fontes maçônicas expressam uma visão autorizada e institucionalizada daquilo que foi colocado e daquilo que foi omitido, ou ainda, representam como uma determinada realidade foi construída, pensada ou dada a ler. Portanto, as classificações, as divisões e delimitações não são ações neutras. Representam a percepção que determinado grupo construiu.

Em relação aos arquivos das lojas maçônicas, faz-se necessário frisar, que embora os maçons tenham uma preocupação com a conservação e memória, quase sempre tais arquivos não obedecem a protocolos arquivista e de conservação. Notei muita desorganização na documentação. Os primeiros livros de atas estavam em péssima conservação e pouco se estava fazendo no momento para preservá-los. Porém, recentemente, a Loja Perseverança III elaborou um projeto intitulado: Projeto Memória em parceria com a Fundação Ubaldino do Amaral. Neste espaço estão realocados apenas os jornais mantidos pela Fundação Ubaldino do Amaral. Diferentemente dos arquivos das lojas, o arquivo mantido pela fundação conta com a presença de profissionais arquivistas, restauradores e a documentação é conservada em ambiente climatizado.

A respeito da fonte que utilizei na pesquisa nos pós-doutorado, a revista: *A Maçonaria no Estado de São Paulo*, sua primeira publicação ocorreu em 1909. Na Biblioteca Mario de Andrade, localizamos publicações a partir de 1912 a 1932. Por ser uma obra rara, encontramos dificuldades em fazer a digitalização de todos os volumes, em razão das políticas internas da Biblioteca. O valor para a reprodução de uma única cópia é exorbitante, o que dificulta o seu uso por pesquisadores. No meu caso, entrei com pedido para que se autorizasse a reprodução de todos os volumes e páginas, explicando a importância do projeto e análise da materialidade da fonte, mas foi negado. A Comissão autorizou reproduzir apenas 20% de cada volume. Diante disso, tivemos que reavaliar os critérios propostos, centrando a atenção em aspectos mais importantes para a construção



IVANILSON BEZERRA DA SILVA - **Universidade Brasil (Faculdade de Sorocaba)**

da pesquisa. Realizamos aproximadamente 10 visitas à Biblioteca entre os meses de maio a agosto de 2016. Pesquisamos 195 fascículos da revista, com 771 páginas digitalizadas, conforme portaria publicada no Diário Oficial da cidade de São Paulo de 22/09/2016:

PORTARIA Nº 06/2016– BMA-G I - O DIRETOR DO DEPARTAMENTO BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE, no uso da competência atribuída pelo item 2.1 do Decreto Municipal nº 56.737/15, RESOLVE homologar a decisão da comissão de preços públicos deste departamento para autorizar a reprodução digital de 771 de pequenos trechos de 195 fascículos da publicação Maçonaria Paulista: boletim do grande oriente no Estado de São Paulo, conforme relação de fls. 08 a 12, todas pertencentes ao acervo da Hemeroteca da Biblioteca Mário de Andrade, ao senhor Ivanilson Bezerra da Silva, inscrito no CPF sob o nº 198.141.768-00, para integrar sua pesquisa de pós-doutorado, vinculado à Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, apenas e exclusivamente para os fins didáticos e sem qualquer intuito de lucro. II - O pagamento do respectivo preço público fica dispensado, nos termos do item 9.6 do mencionado Decreto Municipal, em especial considerando-se que o solicitante é estudante e está desenvolvendo projeto recomendado pela referida instituição de ensino. III- Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as demais disposições em contrário.

A revista tinha como editor geral Antonio Giusti e como redator, seu filho: Angelo Giusti. Era uma revista ilustrada e de propaganda maçônica sob os auspícios do Grande Oriente de São Paulo. Organizada por maçons, tinha 12 publicações por ano e o valor da assinatura anual era de 10\$000. A revista teve farta publicação no início do século XX. Ela circulava nas lojas maçônicas e em espaços não maçônicos. Um indício disso é que encontrei um exemplar da revista nos arquivos da Loja Perseverança III e no Gabinete de Leitura de Sorocaba.

A respeito das revistas ilustradas, Fraga adverte:

Tratar do início do século 20 e do que circulava como veículo de comunicação é examinar um suporte de leitura específico, isto é, as revistas ilustradas. A publicação do gênero revista teve seu início no século 19 e, com o passar do tempo, se transformou em um suporte de textos e de leitura cada vez mais presente, que ultrapassou o continente europeu e chegou ao território brasileiro (2013, p. 71).

Revista Educare, João Pessoa, PB, v. 3, n.1, p. 3-18, jan./jun. 2019.

Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/educare>>.



IVANILSON BEZERRA DA SILVA - **Universidade Brasil (Faculdade de Sorocaba)**

Diferente dos jornais, as revistas tinham “o mérito de condensar numa só publicação, uma gama diferenciada de informações, sinalizadoras de tantas inovações propostas pelos novos tempos” (MARTINS, 2008, p. 40). Entre o jornal e o livro, as revistas prestaram-se a ampliar o público leitor, diversificando a informação. Segundo Martins, elas tinham custo baixo, configuração leve, leitura entremeada de imagens e distinguia-se do livro, objeto sacralizado, dispendioso e ao alcance de poucos.

Em relação a materialidade da revista: *A maçonaria no Estado de São Paulo*, a capa possui vários símbolos ligados à maçonaria, temos o chamado “Delta Luminoso” que representa o “o olho que tudo vê”, duas colunas ligadas ao simbolismo maçônico e a fundo, do lado direito, à Faculdade de Direito de São Paulo. Temos a presença de três figuras humanas: duas mulheres, um homem ajoelhado e uma serpente.

Segundo José Murilo de Carvalho (1990), “o imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias [...], mas também [...] por símbolos, alegorias, rituais e mitos” (p. 10). O uso da figura feminina, em destaque nas capas, remonta à alegoria empregada pelos revolucionários franceses e a qual os republicanos brasileiros aderem com a mesma simbologia (FRAGA, 2013). A presença de imagens femininas de inspiração greco-romana, que evocam divindades da antiguidade, representam ideias, valores e sentimentos referentes à república, à liberdade e à revolução (Carvalho, 1990). Os símbolos maçônicos e a Faculdade de Direito podem ser entendidos como símbolos imaginários utilizados para a formação das almas. Além disso, a Faculdade de Direito nos resultados obtidos na pesquisa, mostra-se como um espaço altamente elitizado e valorizado pelos maçons. O capital cultural, no período analisado, é altamente valorizado e era um critério para se ingressar no campo maçônico.

Fraga (2013) acentua que a capa de uma revista proporciona ao leitor o primeiro contato tátil-visual com os suportes e os textos, permitindo-o familiarizar com os propósitos editoriais. Nesse contato ela dá indícios que sugerem um enquadramento do sentido dos textos transmitidos à leitura. Segundo Chartier (2009) como protocolo de leitura, a capa, dispositivo tipográfico, fruto do trabalho da mediação editorial,



IVANILSON BEZERRA DA SILVA - **Universidade Brasil (Faculdade de Sorocaba)**

proporciona mobilidade às possíveis atualizações do texto. Observei que todos os números foram editados com a mesma capa, o que denota o caráter estático dos editores e da própria maçonaria, que tem dificuldades de se repensar enquanto instituição, ou que insiste em apresentar tais imagens como as únicas possíveis de restauração da ordem social.

A revista tem muitas fotos de maçons, o que mostra que entre as estratégias editoriais, está a ênfase dada aos maçons que tinham melhores posições hierárquicas na maçonaria e no campo político, educacional, econômico, cultural e social. Não há um espaço fixo das imagens e fotos nas páginas. As imagens podem ser encontradas em vários lugares, abaixo dos títulos ou de texto anteriores, entre os textos, local onde a maior parte se encontra. Dificilmente ocupa o espaço de uma única página. Boa parte das imagens, fotografias e ilustrações apresentam relação direta com os temas abordados. Neste sentido, elas visam assegurar a clareza das informações difundidas e direcionar o leitor no entendimento daquilo que se pretende transmitir

Chartier afirma:

Quando a imagem é única, ela se encontra mais frequentemente ou nas primeiras páginas do livro ou na última. Instaure-se assim uma relação entre ilustração e o texto em seu todo, e não entre a imagem e esta ou aquela passagem particular. Colocada no começo, a ilustração induz a leitura, fornecendo uma chave que diz através de que figura o texto deve ser entendido, seja porque a imagem leva a compreender o todo do texto pela ilustração de uma de suas partes, seja porque propõe uma analogia que guiará a decifração. [...] Colocada na última página, a imagem tem outra função, já que permite fixar e cristalizar, em torno de uma representação única, aquilo que foi uma leitura entrecortada e quebrada. Ela fornece, assim, a memória e a moral do texto. (2004, p. 276-277)

Fraga (2013) nos ajuda a entender que

o uso das ilustrações e fotografias, entendidas como elementos gráficos dispersos nos textos, tem por propósito o fornecimento de chaves decifradoras que indicam ao leitor a compreensão do texto, assim como



IVANILSON BEZERRA DA SILVA - **Universidade Brasil (Faculdade de Sorocaba)**

intentam a cristalização da memória do que foi lido e, conseqüentemente, à uma determinada produção de significados a partir da leitura (p. 78).

As fotografias foram classificadas da seguinte forma: fotografias de maçons, fotografias de prédios e monumentos, fotografias de professores, fotografias de alunos e escolas, design gráfico, ou seja, recursos editoriais usados na tipografia para ilustrar as páginas e os textos da revista, que podem aparecer no início ou final da página (FRAGA, 2013) e, por último, as fotografias dos jantares maçons, que demonstram uma prática de distinção social.

Na parte de dentro, na primeira página, é publicado o boletim do Grande Oriente do Estado de São Paulo com atas das Assembleias Gerais e resoluções tomadas. O que mostra a importância que os redatores dão a essa instância de poder maçônico. Quase sempre há publicação de artigo relacionado à maçonaria, discursos produzidos por membros ligados as mais variadas lojas em sessões de iniciação, festividade, inauguração de lojas ou escolas. Há uma parte dedicada a noticiário em que o editor publica assuntos dos mais variados, por exemplo: O Brasil em Guerra, aniversários de maçons, elogios as ações das lojas, escolas ligadas à maçonaria, biografia “maçônica”, anúncios de outros boletins maçônicos, balancete financeiro, ação da maçonaria no interior do Estado, falecimentos de maçons e na parte final, várias propagandas comerciais. Alguns estabelecimentos comerciais eram de maçons, e nos ajudam a ver as principais atividades que eles estavam envolvidos: advogados, proprietários de armazéns, tipografia, alfaiataria, Fábrica de ladrilhos, confeitaria, hotéis, restaurantes, escolas, chapelaria, casa de materiais de construção e outras (A MAÇONARIA NO ESTADO DE SÃO PAULO, JULHO DE 1920). As revistas variam muito de paginação. Algumas têm 20 páginas, outras têm menos. Em 1922, Antonio Giusti publicou um livro sobre o centenário da maçonaria, com a mesma capa da revista. Pelo que pudemos observar, trata-se de uma edição especial da revista. O livro mostra a história da maçonaria no Brasil, traz dados sobre as Lojas do Grande Oriente de São Paulo, fotografias e biografias de maçons influentes.



IVANILSON BEZERRA DA SILVA - **Universidade Brasil (Faculdade de Sorocaba)**

Analisar a Revista Maçonaria do Estado de São Paulo em sua materialidade ajudou a entender as estratégias de divulgação das Lojas Maçônicas do Estado e como os maçons construíram as mais variadas representações acerca deles próprios e da maçonaria. A análise possibilitou mapear as Lojas, os maçons, suas práticas e as cidades do Estado de São Paulo que organizaram escolas, enfim, construir um quadro prosopográfico dos maçons através das biografias, homenagens e necrologias publicadas.

A fonte possibilitou construir uma biografia coletiva de um grupo social que reuniu em seu espaço pessoas de diferentes pensamentos e ideologias. Vemos nas páginas da revista, citações e discursos de Everardo Dias, maçom que atuou em espaços públicos como militante do PCB e escreveu, em 1962, a obra *História das Lutas Sociais no Brasil*. Vemos também referências a Francisco Ferrer, visto pela maçonaria paulista como mártir da liberdade (REVISTA A MAÇONARIA NO ESTADO DE SÃO PAULO, ANO VIII, OUTUBRO E NOVEMBRO DE 1918, p. 155). Além de pessoas ligadas ao anarquismo, vemos citações de pessoas ligadas a outros movimentos políticos, tais como: Deputado Dr. Luiz de Campos Vergueiro (REVISTA A MAÇONARIA NO ESTADO DE SÃO, FEVEREIRO, 1918, p. 24); Deputado Dr. José Vasconcellos de Almeida Prado Júnior (BGOS, MAIO, 1918, p. 80); Nilo Peçanha (REVISTA A MAÇONARIA NO ESTADO DE SÃO PAULO, AGOSTO, 1918, p. 114-115). Temos também referências a educadores, entre eles: Horace Lane (REVISTA A MAÇONARIA DO ESTADO DE SÃO PAULO, OUTUBRO DE 1912, p. 162-161); Roldão Lopes de Barros (REVISTA MAÇONARIA DO ESTADO DE SÃO, JULHO DE 1920, p. 92).

Segundo Codato (2015), os indivíduos que pertencem às elites são os que estão no topo das principais hierarquias e organizações da sociedade moderna. Para ele, essas posições estratégicas podem ser do tipo econômico (controle dos meios de produção), político (controle da máquina social do estado) e militar (estão no topo da hierarquia militar). Portanto, escolhi indivíduos que em sua trajetória maçônica alcançaram o grau 33, ou seja, agentes sociais que chegaram ao topo da hierarquia maçônica. Utilizamos o método posicional (MILSS, 1956) a fim de analisar o perfil de 38 maçons.



IVANILSON BEZERRA DA SILVA - **Universidade Brasil (Faculdade de Sorocaba)**

Em termos de metodologia, fiz uso de um questionário biográfico (CHARLE, 2006). Tal questionário ajudou na descrição da dinâmica do campo maçônico. O questionário que utilizarei foi baseado e adaptado do modelo feito por Nicoloso (2013). Heinz (2006) acentua que o método utiliza um enfoque sociológico em pesquisa histórica, visando relevar características comuns (permanentes ou transitórias) de um determinado grupo em determinado período histórico. Charle (2001) ressalta que o método não possui um fim em si mesmo. É uma ferramenta que permite não somente tornar mais precisos os dados, como renovar as perspectivas.

Os primeiros resultados mostram que de fato os maçons fazem parte de uma elite. Pelo que observei, para fazer parte dessa elite era necessário possuir um elevado capital cultural. No campo maçônico percebe-se que os agentes que ocupam os lugares mais privilegiados são aqueles que têm graus mais elevados na maçonaria. Estes também tiveram projeção social e política. Observei também que a elite maçônica é formada pela maioria de agentes sociais formados na Faculdade de Direito. Isto parece ser uma tendência de homogeneidade do grupo analisado. A questão política também parece ser outro elemento que fortalece a homogeneidade do grupo.

Os arquivos e documentação da maçonaria brasileira nos possibilitam entender a dinâmica de um grupo social ligado às elites brasileiras. Ajudam também a compreender aspectos das práticas educacionais pouco analisados na perspectiva da história da educação, abrindo outras possibilidades de leituras. Tais documentação precisam e devem ser problematizadas e indubitavelmente confrontadas contra outras fontes. Embora os arquivos escolares sejam os mais cotejados, os arquivos e documentação das lojas maçônicas, constituem-se um desafio para os historiadores da educação, visto que estão sob a guarda de uma instituição que tem interesse em manter uma historiografia que coloca a maçonaria e os maçons como os responsáveis por acontecimentos históricos que marcaram a história brasileira. Abordagens atuais mostram que a maçonaria não possui necessariamente o poder que os historiadores maçônicos tradicionalmente afirmam (MOREL, 2008).



IVANILSON BEZERRA DA SILVA - **Universidade Brasil (Faculdade de Sorocaba)**

No campo da história da educação, a educação maçônica é um campo vasto de investigação que necessita ser explorado, pois as pesquisas ainda são tímidas. É válido acentuar que não apenas as organizações educacionais maçônicas são objetos de pesquisas para a história da educação, temos também as associações paramaçônicas: Ordem Demolay, as Filhas de Jó. A própria filosofia maçônica é pouco explorada no campo da história da educação. Na historiografia também não se analisa as lojas maçônicas como espaços educacionais utilizados para a transmissão da filosofia maçônica em que maçons aprendizes, companheiros e mestres se reúnem com a finalidade de salvaguardar a tradição e ritos maçônicos. Neste sentido, o historiador da educação precisa percorrer e explorar novos arquivos e documentos, não apenas aqueles que estão nos arquivos escolares.

A fonte também possibilitou analisar escolas pouco conhecidas na história da educação brasileira, tais como: Grupo Escolar Sete de Setembro (A MAÇONARIA NO ESTADO DE SÃO PAULO, SETEMBRO DE 1919, p. 154), Instituto Independência (A MAÇONARIA DO ESTADO DE SÃO PAULO, AGOSTO DE 1925, p. 119), Instituto Paulista Ciência e Educação (A MAÇONARIA DO ESTADO DE SÃO PAULO, SETEMBRO DE 1925, p. 121-122), Ginásio Anglo Latino (A MAÇONARIA NO ESTADO DE SÃO PAULO, OUTUBRO DE 1924, p. 127-129), atualmente Colégio Anglo; Escola Luiz Gama (A MAÇONARIA NO ESTADO DE SÃO PAULO, JANEIRO DE 1929, p. 13). Também busquei outras fontes sobre essas escolas no site da Assembleia da Câmara Municipal de São Paulo. A revista também menciona as escolas noturnas organizadas e mantidas pela Loja Perseverança III, que analisei em trabalho anterior (SILVA, 2010). Além de citar algumas vezes a Escola Moderna ligada ao movimento anarquista, fundada em 1912, cujo diretor era o maçom João Penteado (A MAÇONARIA NO ESTADO DE SÃO PAULO, OUTUBRO E NOVEMBRO DE 1918, p. 155). Esta escola em nossa perspectiva era a que tinha de fato uma proposta libertária voltada para os mais desfavorecidos.

Em relação a educação ofertada pela maçonaria, os estudos acadêmicos são unânimes em mostrar que ela desenvolveu um importante papel na organização de



IVANILSON BEZERRA DA SILVA - **Universidade Brasil (Faculdade de Sorocaba)**

escolas no Brasil, tanto para a elite como também às camadas sociais desfavorecidas. Os estudos atuais acentuam que as propostas educacionais maçônicas estavam centradas na problemática capital/trabalho, ideal republicano e na visão filantrópica dessa instituição. A partir da revista: *A maçonaria no Estado de São Paulo*, é possível analisar que tais escolas também eram espaços de distinção social e de reprodução na perspectiva bourdieusiana. Elas não cumpriam apenas a função de consagrar a “distinção” das classes cultivadas. A cultura que elas transmitiam separava os que recebem do restante da sociedade mediante um conjunto de diferenças sistemáticas. Elas ignoravam as diferenças, privilegiando os valores culturais das classes dominantes. A partir das ideias de Bourdieu é possível perceber que as iniciativas educacionais dos maçons visavam a conservação das estruturas sociais e os *habitus* da elite. Por se tratar de um grupo que formava parte da elite paulista, observei que entre os mecanismos estratégicos de elitização desse grupo estavam as escolas destinadas às classes sociais mais desfavorecidas, como é o caso das escolas mantidas pela Loja Sete de Setembro e as escolas organizadas para atender seus filhos, escola Anglo Latino. Ambas impunham um *habitus*, o da elite e uma distinção social, a separação geográfica, espacial, econômica, cultural e social entre os maçons e os mais desfavorecidos da sociedade paulista. Estes eram privados do modo de vida elitizado, dos banquetes, da ostentação social valorizada pelos maçons, dos aspectos básicos da saúde. Enfim, os pobres para os maçons na revista *A maçonaria no Estado de São Paulo*, são aqueles que sempre vão precisar da solidariedade e da filantropia da elite.

REFERÊNCIAS

BARATA, Alexandre Mansur. **Luzes e Sombras: a ação da maçonaria brasileira (1870 – 1910)**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.

Revista Educare, João Pessoa, PB, v. 3, n.1, p. 3-18, jan./jun. 2019.

Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/educare>>.



IVANILSON BEZERRA DA SILVA - **Universidade Brasil (Faculdade de Sorocaba)**

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Cia da Letras, 1990.

CODATO, Adriano. **Metodologias para a identificação de elites**: Três exemplos clássicos. In.: Como estudar elites. Editora: UFRP, 2015

CHARLE, Christophe. **Prosopography (Collective Biography)** In: International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences, Oxford, Elsevier Science Ltd, 2001, vol. 18, p. 12236-12241.

CHARLE, C. **A prosopografia ou biografia coletiva**: balanço e perspectivas. In. HEINZ, F. M. Por outra história das elites. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp. 41-53

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (dir.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

CHARTIER, Roger. Leituras e leitores na França do Antigo Regime. São Paulo: Unesp, 2004.

GIUSTI, Antonio. **A Maçonaria no Estado de São Paulo**. São Paulo; 1912-1932.

FRAGA, Andréia Silva de. *O Estudo e sua materialidade*: Revista das alunas-mestras da Escola Complementar/Normal de Porto Alegre/RS (1922-1931). **Hist. Educ.** (Online) Porto Alegre v. 17 n. 40 Maio/ago. 2013 p. 69-97

HEINZ, F. M. (org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 2003.

MARTINS, Ana Luisa. **Revistas em revista**: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: USP/Fapesp, 2008.

MILLS, C. W. **The Power Elite**. New York: Oxford University Press, 1956

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal. O Ideário Republicano e a Educação: o colégio "Culto Ciência" de Campinas. Uma contribuição para a História das Instituições. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da USP. São Paulo, 1990.

MOREL, Marco; SOUZA, Françoise Jean de O. **O poder da maçonaria**. A história de uma sociedade secreta no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, 259p.

Revista Educare, João Pessoa, PB, v. 3, n.1, p. 3-18, jan./jun. 2019.

Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/educare>>.



IVANILSON BEZERRA DA SILVA - **Universidade Brasil (Faculdade de Sorocaba)**

MOREL, Marco. **As Transformações dos Espaços Públicos – Imprensa, Atores Políticos e Sociabilidades na Cidade Imperial (1820-1840)**. Ed. Hucitec, São Paulo, 2005.

NICOLOSO, Fabrício Rigo. **Fazer-se elite em Santa Maria – RS: Os imigrantes alemães entre estratégias políticas e sociais – 1830/1931**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria, 2013.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**: tomo III. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Papirus, 1997.

SILVA, I. B. da. **A cidade, a igreja e a escola**: relações de poder entre maçons e presbiterianos em Sorocaba na segunda metade do século XIX. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SILVA, Ivanilson Bezerra da; BONTEMPI JUNIOR, Bruno. Elite maçônica e as escolas da Loja Sete de Setembro na revista *A Maçonaria no Estado de São Paulo (1912-1932)*. **Rev. Bras. Hist. Educ.**, Maringá, v. 18, e039, 2018. <http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v18.2018.e039>.

VALENCIANO, Tiago. O Compasso, o Esquadro e a Ordem discreta: Perfil sociológico dos Grão-Mestres da Maçonaria Paraense. Curitiba, **Revista NEP**, v.2, n. 2, p. 221-239, 2016.

VIDAL, Diana Gonçalves. Apresentação do dossiê arquivos escolares: desafios à prática e à pesquisa em História da Educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 10, p. 71-73, jul./dez, 2005.

Recebido em: 13 de junho de 2018
Aprovado em: 03 de março de 2019